

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DE BIELA EM *UMA VIDA EM SEGREDO*, DE AUTRAN DOURADO

Gizeli Rezende dos Reis ¹

RESUMO: Este artigo apresenta considerações da dissertação *Do Fundão à Cidade: a construção do espaço de Biela em Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado, defendida na Universidade Vale do Rio Verde, em 2019, que reflete sobre a influência do patriarcado nas famílias nos anos de 1960, época do romance, expondo a submissão feminina ao homem, em especial a de Biela, impedida de tomar decisões que extrapolassem a casa e a família. O foco principal da dissertação consiste em apresentar como se dá a construção da personagem Biela, levando em consideração, especialmente, os espaços rural e citadino presentes no romance e o drama interior vivido por Biela, que não consegue se adaptar aos costumes da cidade e às regras sociais que a sua nova família, formada pelo primo Conrado e sua esposa Constança. Mas prima Biela não conseguiu deixar suas raízes e, com o passar do tempo, acaba seus dias em um quatinho dos fundos, ficando muito doente e debilitada, vindo a falecer na Santa Casa da cidade.

PALAVRAS CHAVES: Autran Dourado; *Uma vida em segredo*; patriarcado; adaptação.

ABSTRACT: This study consists of the most significant theme selection in the Mastering dissertation presented to Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), in the Mastering Program in Letras, called “From Fundão to the city: the construction of Biela’s space in *Uma Vida em Segredo*”, by Autran Dourado. It covers the influence of the patriarchs in the families from the 60s, time of the novel. It exposes the feminine submission to men, especially Biela’s, prevented from making decisions that went beyond the house and the family, a usual costume in those days. However, the main focus of the narrative consists of presenting how the construction of Biela as a character takes place, considering, above all, the rural and the city spaces present in the novel *Uma vida em segredo*, by Autran Dourado and the intimate drama lived by Biela who can’t get to adapt to the city costumes and to the social rules imposed by her new family, her cousin’s, and also his wife’s Constança, all in the hope that Biela would become less of a “country girl”. But cousin Biela can’t seem to abandon her origins and as time goes by, she lives her life in a small room at the back of the house, very sick and debilitated, coming to pass away at the city’s Santa Casa.

KEY WORDS: Autran Dourado; *Uma vida em segredo*; patriarchy; adaptation.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade externar algumas reflexões presentes na dissertação de mestrado apresentada à Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), no Programa de Mestrado em Letras, intitulada “Do Fundão à Cidade: a construção do espaço de Biela em *Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado.

A dissertação aborda itens relevantes na construção da personagem Biela, considerando a influência dos espaços rural e citadino. Moça simples do interior, órfã de mãe, vivia sozinha com o pai, envolvida nos afazeres domésticos, convivendo com os camaradas da Fazenda do

¹ Mestra em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso. UninCor (Universidade Vale do Rio Verde). gizelireis@yahoo.com.br. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8897302170694138>

Fundão, no interior de Minas Gerais. Aos dezessete anos perde o pai e se vê obrigada a mudar-se para a cidade para morar com seu primo Conrado, que era o testamenteiro do seu pai, sendo responsável também pela tutela da prima Biela.

No espaço citadino, encontra algumas barreiras na adaptação aos costumes e regras sociais. A moça tímida, submissa e reclusa em seu mundo interior, encontrando refúgio em seu quarto, onde pode sozinha, abrir sua canastra, tirar seus pertences e voltar às doces lembranças da infância, nas quais a mãe estava sempre presente, cantarolando para ela. Os barulhos da natureza também são uma constante, como as águas do riachinho e do monjolo que triturava os grãos.

Após um levantamento bibliográfico em bancos de dissertações e teses da CAPES e das principais universidades e centros de pesquisa do país, percebemos que há poucos estudos a respeito do romance *Uma vida em segredo*. Foram encontradas apenas quatro Dissertações de Mestrado apontando para a necessidade de explorar mais o romance.

Dourado explora de maneira única o drama vivido pela personagem principal, prendendo e emocionando o leitor à medida que adentra no mundo de Biela, através das páginas da narrativa.

1. A narrativa de Autran Dourado: algumas considerações

O escritor Autran Dourado, nascido no interior de Minas Gerais, demonstrou desde cedo sua tendência às letras, talvez motivado pelo ambiente e pela família, sendo filho de um juiz. Coursou Direito e trabalhou como jornalista, destacando-se também pelo conteúdo de suas obras, nas quais aparecem histórias fictícias que demonstram a vida real do interior aliado ao clima poético.

Sobre o romance *Uma vida em segredo*, o autor nos revela algumas questões, em *Uma Poética de Romance: Matéria de Carpintaria*. Segundo ele, toda a história nasceu de um sonho. Ele estava trabalhando em *Ópera dos Mortos*, com problemas de composição. Resolve, então, parar e deixar para o dia seguinte. Quando adormece, ele sonha. Em uma entrevista concedida a Senra, Dourado contou-lhe sobre o sonho, e a escritora comenta da seguinte maneira:

De repente, no “fundão” do sonho, aparece no quarto da avó, vazio de móveis, a canastra preta, o “baú”. Na sua tampa, bem nítidas, não as iniciais de seu bisavô, mas G.C.F., que Autran não podia adivinhar de quem eram. De repente ouve o cháp-te-cháp-te de umas chinelinhas de liga. A porta se abre e entra a prima Rita, figura silenciosa e apagada da infância de Autran. Prima Rita se

senta e conta a sua história direitinho, bem encadeada, e só ao final diz o seu nome: “Eu me chamo Gabriela da Conceição Fernandes, Biela para os da casa” (SENRA, 1983, p. 29)

A história é centrada na figura humilde, roceira de Biela², desapegada dos bens materiais, apegada somente às suas lembranças da roça onde foi criada. Personagem apaixonante que envolve o leitor na tentativa de compreender seus pensamentos, desvendar seus desejos, seus anseios diante da tentativa de adaptação à nova etapa de sua vida, sendo obrigada a viver com os primos, por forças das circunstâncias que estava passando, após a morte do pai. Dourado consegue repassar com fidelidade o perfil de sua personagem, como realça Pólvora (2000):

[...] Autran Dourado havia conseguido criar uma personagem e, ao seu redor, um mundo: o mundo de Biela e o mundo das pessoas com quem ela convive. Que outra prova se pode pedir a um ficcionista não apenas empenhado no texto como um fim em si mesmo, mas no texto literário que exprime, nas suas modulações, acontecimentos diversos, encadeados em linha episódica ou fruto de uma vida interior intensa - ou então, como é o caso de *Uma via em segredo*, as duas faces da relação homem/vida. (PÓLVORA, 2000, p. 5- 6)

Dourado externa em seu depoimento, uma certa predileção pelo seu romance:

Um livro que me toca particularmente em toda a minha obra é quase que uma elegia. Se eu fosse poeta teria feito do tema e da história desse livro uma elegia. É o filho de quem mais gosto – *Uma vida em Segredo*. Tenho por ele muita ternura, pois escrito em tom menor, num tom mais intimista. (DOURADO apud SOUZA, 1996, p. 42)

Em sua habilidade de artesão das letras, o autor apresenta um romance de fácil e agradável leitura, porém em alguns pontos, de difícil interpretação, necessitando leitura atenta e reflexiva, porque sua personagem principal, ora parece ser muito simples, ora complexa demais, como se tivesse um véu imaginário omitindo sua verdadeira personalidade.

Adentrar nas características de seu romance é como visitar um parente querido, entrar e passear pelos cômodos da casa, perceber detalhes, sentir os cheiros, voltar ao passado, reencontrar-se num momento de prosa com pessoas que ali moram, respeitando seus costumes

² “Biela significa peça que, na máquina a vapor, serve para transmitir e transformar o movimento.” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS)

“Geraldo do Nascimento e Sandra Fischer (2004), em artigo centrado na personagem Biela, lançaram a possibilidade de se relacionar o próprio nome, ou melhor, o apelido da protagonista a essa crise de identidade, se interpretamos “Biela” como “duas ela”. Apesar de soar um pouco estranho, essa interpretação é coerente com as situações que circundam a personagem. Essa dualidade de Biela é sentida quando, querendo “abrir um novo mundo para a prima”, Constança decide substituir seus vestidinhos de chita, comprando tecidos finos para lhe fazer novas roupas.” (RODRIGUES, 2016, p.72-73)

e modos de vida. O leitor consegue viajar em sua narrativa, situando-se no tempo e no lugar que descreve: ora retrata o campo nos costumes de Biela, ora enaltece o urbanismo nos dias que correm na casa de Constança e Conrado.

2. Papéis masculinos e femininos no espaço da família

O romance *Uma vida em segredo* apresenta papéis gendrados de homens e mulheres definindo as diferenças e funções de cada um, retratando a sociedade interiorana da década de 1960. O homem era tido como dotado de mais poder e mantenedor da família, devendo prover o sustento da mesma, enquanto a mulher, ficava responsável pela educação dos filhos e gerenciamento da casa. Exercia o papel de mãe e esposa. Esses papéis estão bem definidos na obra de Dourado, evidenciando a figura masculina na personagem do primo Juvêncio, pai de Biela, expressado por Conrado, o primo que irá cuidar dos bens da personagem principal após a morte do pai, também explícita nos homens que visitavam a casa de Conrado. Falavam de negócios, política, plantações, sobre gado, assuntos de interesse masculino. Enquanto isso as mulheres se preocupavam com assuntos culinários, religiosos, a moda vigente na sociedade, a educação dos filhos. Não se misturavam com os homens. Permaneciam na cozinha ou na antessala. Só adentravam à sala quando iam servir um café, em seguida retornavam para seus afazeres. Se demonstravam alguma curiosidade nos assuntos debatidos pelos homens, ficavam à espreita, ouvindo sem serem percebidas.

A figura feminina na condição de dependente, pronta a servir o marido, cuidar da casa, dar educação aos filhos era representada por Constança a dona da casa, pela prima Biela, a personagem principal, as filhas, as empregadas e as vizinhas. As mulheres cuidavam dos afazeres domésticos, mantendo a limpeza, a organização da casa, as refeições, a educação dos filhos. Biela além de estar na condição de mulher sem voz ativa, era submissa também à Constança que impunha seu modo de pensar e esperava mudanças significativas na postura social da jovem. Em relação às questões de gênero presente na obra, Terezinha Richartz reitera em seu artigo *Patriarcado e Violência em Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado, que:

O autor do livro Autran dourado, é fruto de uma sociedade sexista e patriarcal e evidencia em sua obra os papeis tradicionais desempenhados pela mulher: o cuidado do lar, o afeto aos filhos, a obediência ao esposo e o zelo com o corpo a fim de estar bonita para o marido. Incorporando os valores sociais daquela época, o autor explorou detalhes do cotidiano feminino valorizados pelo grupo ao qual pertencia. (RICHARTZ, 2016, p. 2)

Saffioti faz alusão aos conceitos de gênero e patriarcado como distinguíveis, explicitando a força do patriarcado no percurso histórico da sociedade:

É por isso que o gênero, embora construído socialmente, caminha junto com o sexo. Isto não significa atentar somente para o contrato heterossexual. O exercício da sexualidade é muito variado; isto, contudo, não impede que continuem existindo imagens diferenciadas do feminino e do masculino. O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração-dominação masculina. (SAFFIOTI, 2011, p.136)

No romance *Uma vida em Segredo*, Biela, embora sendo uma mulher de posses, não possuía consciência de seu poder financeiro e *status* social. Apresentava-se apagada e submissa, não possuindo voz ativa nas questões as quais lhe diziam respeito. Na obra de Dourado, Conrado assume esse papel dominante, de figura patriarcal, como tutor de Biela e administrador dos bens da família. Constança, a esposa de Conrado, embora fosse uma mulher esclarecida de sua posição social e destaque na família, assumia o papel de coadjuvante do marido. Já que, a última palavra era do marido, reforçando o modelo do domínio masculino nas famílias dessa época.

Essa conformação romanesca pode ser compreendida, pelas considerações apontadas por Richartz:

O processo silencioso de anulação da maioria das mulheres recebe contornos de normalidade no cotidiano. Por isso a violência psicológica é muito mais sutil. Ela aparece diluída em comportamentos não considerados violentos. Quando vinculados ao patriarcado, privar e subjugar a mulher se tornam “normais”. É natural que a mulher fique restrita ao âmbito doméstico, seja subserviente ao marido, ofereça dedicação total aos filhos, não tenha desejos, sonhos e prazeres. Dedicar-se e servir exclusivamente à família, por vezes, com sua total anulação como indivíduo, não é questionado. As invisíveis sequelas daquilo que é praticado no espaço intrafamiliar com palavras, gestos e atitudes influenciam diretamente no comportamento das mulheres. (RICHARTZ, 2016, p.7)

Essa configuração familiar trata-se de uma construção social da época, é assim que a vemos representada na narrativa de Dourado, tanto é que a personagem Biela, como a maioria das mulheres achavam essa postura normal, delegando aos homens a função de gerenciar os negócios da família.

Essa característica do patriarcado, presente na época que decorre a narrativa de Dourado, na qual o homem que cuidava do patrimônio sem a participação da mulher, como se ela fosse desprovida de raciocinar, de tomar decisões quanto ao uso do dinheiro na vida familiar, conota-se a um tipo de violência, como assevera Richartz:

A violência patrimonial também passa despercebida para muitos. As mulheres são consideradas menos capazes de administrar seus bens. Não raro, heranças e até salário são apropriados por familiares. [...] Nesse caso estão contempladas as heranças e até o trabalho remunerado. Quando por tradição, porque sempre foi assim, a mulher “aceita” que seus bens sejam geridos por familiares ou trabalha de graça no lar, pois socialmente lhe foi imposto esse trabalho como sua obrigação, concretiza-se a violência patrimonial. (RICHARTZ, 2016, p. 7)

Os papéis masculinos e femininos no romance *Uma vida em segredo*, delineiam o perfil de ambos os gêneros, retratando a sociedade do interior mineiro na década de 1960, época que se desenrola a história de Biela, uma jovem que morava com o pai na fazenda, no local conhecido como Fundão. Sem a presença e orientação materna, ela passou a conviver com o pai que tinha amplos poderes, como aponta Pólvora, ao revelar que seu pai Juvêncio, era um homem “cismado, meio louco-manso-enfezado nas suas opiniões, ficou para sempre reinando sozinho no território do Fundão.” (PÓLVORA, 2000, p.7).

Com o falecimento do pai, Biela foi morar na cidade com a família de seu primo Conrado, que fora incumbido por Juvêncio, em vida, de ser o tutor da jovem na sua ausência. Assim, Biela sai da condição de submissa ao pai para o domínio do primo, sem voz ativa, acomodando-se e anulando-se pessoalmente, tendo a plena consciência de sua dependência.

Após ser abandonada pelo noivo, é retratado mais uma vez a subserviência de Biela, justificando que o noivado não teria sido de sua vontade e sim um “arranjo” dos primos para que ela não ficasse sozinha, ainda mais sendo a única herdeira dos bens paternos. Aqui aparece novamente a obediência de Biela pela prima Constança que determinava muitos comportamentos a serem seguidos:

O noivado não resultava da vontade de prima Biela, reconhecia no íntimo Constança, quando em raros momentos parava para pensar na culpa que tinha em tudo que aconteceu. Prima Biela se limitava a obedecer-lhe, como no caso dos vestidos, quando procurou aparecer conforme a imagem que a prima Constança queria para ela. (DOURADO, 2000a, p. 76)

Esse casamento arranjado também oferece a visão de como era a estrutura familiar no início do século XX:

As famílias estruturavam os sistemas de aliança e aprimoravam suas estratégias com a finalidade primeira de casar bem os filhos e, no mais das vezes, o casamento era arranjado, não se cogitando da necessidade de amor entre os cônjuges. É a partir do século XIX na Europa Ocidental e das primeiras décadas do século XX no Brasil, que mudanças sociais começam a influir de forma significativa na ordem familiar e, conseqüentemente, no sistema de alianças. (TRIGO, 1989, p. 88)

Outra característica do “sexo frágil”, incorporado por Biela após ser abandonada por Modesto, pode ser notada em sua reclusão, sentindo-se enjeitada, como se fosse a última das mulheres.

Logo depois que Modesto se foi para os longes sertões, Biela passou dias e dias num silêncio miserável. Via-se diminuída diante dos outros, enjeitada, a última das mulheres. Via-se nos olhos dos outros, na amargura dos outros, na pena que os outros tinham dela. Como se tivesse um grande defeito físico que a tornasse diferente de todas as outras mulheres da cidade. (DOURADO, 2000a, p. 76)

A família acaba deixando-a de lado, como se fosse um indivíduo sem “conserto”. Começa a retomar seus velhos hábitos de moça roceira, a começar pela troca dos vestidos novos que Constança havia mandado confeccionar para ela com esmero, além de se negar a seguir as regras impostas à sua pessoa,

Então assume de vez a cozinha, reclusando-se no espaço que de certa forma expressa seu poder enquanto mulher, mostrando o que sabia fazer com esmero. A cada dia que passa, a cozinha vai se tornando mais atraente e convidativa, realizando tarefas que eram de costume na Fazenda do Fundão.

Além das tarefas que desenvolvia tão bem na casa do primo Conrado, aos poucos foi abraçando outros compromissos de pouca relevância que não combinavam com seu perfil de moça abastada, a única herdeira da fazenda do Fundão que prosperava dia a dia. Recebia gratificações das donas de casa onde prestava seus serviços, fato que desagradava o primo.

A socialização de Biela com as vizinhas que ela visitava e executava tarefas caseiras, recebendo algumas moedas em troca, ocupava seu tempo, além de garantir-lhe uns minguados trocados, embora não precisasse estar fazendo nada daquilo. Na verdade primo Conrado abominava essa atitude. Em sua visão aristocrática, a prima, ficaria em casa, cuidando de suas vaidades, como a esposa Constança e sua filha Mazília. Mas era da vontade de Biela retomar seus costumes antigos.

3. A casa cidadina: um novo espaço

Em *Uma vida em segredo*, Dourado apresenta a casa como importante espaço para a construção dos costumes citadinos da personagem Biela, proveniente do interior, na tentativa de adaptação a novos costumes da cidade. Segundo Damatta “A casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa. Tudo, obviamente, depende de outro termo que está implícita ou explicitamente contrastado.” (DAMATTA, 1997, p.16)

Sua narração é construída nos diferentes espaços da casa, nos quais as ações se desenrolam, sala, quarto e cozinha. A personagem expressa o universo das mulheres da época dos anos 60, que assumem papéis distintos, conforme adentra em cada espaço. Sua nova casa apresentava a mesma divisão da fazenda do Fundão, contemplando os espaços comuns em toda morada, como sala, quartos, cozinha, varanda, porém na cidade esses cômodos assumiam para ela funções sociais diferenciadas, com rotinas próprias e regras da urbanidade.

A casa dos primos causa-lhe um conflito entre sua interioridade e o mundo à sua volta, torna-se um espaço de permanente tensão. O novo ambiente faz com que Biela se sinta perdida no mundo, não sabe mais quem é ela. A casa surge para Biela juntamente com a sensação de medo, confusão: “Em nenhum momento ergueu o olhar para as janelas onde as meninas se apinhavam, para Constança. Como os pés procuravam se acostumar ao chão, os olhos baixos também buscavam raízes na terra.” (DOURADO, 2000a, p. 23)

O narrador não descreve precisamente os aspectos físicos como a altura, cabelos, corpo de Biela, apenas deixa transparecer sua figura cabisbaixa, com gestos acanhados, seu olhar fixo para o chão. Deixa claro que sua figura causa estranhamento à família que agora também será sua. Constança faz as honras da casa, leva-a para dentro, puxa conversa, pergunta-lhe sobre a viagem, mostra onde seria o seu quarto. Ambiente este que deveria ser de aconchego, felicidade, proteção e acolhimento toma outro sentido para a protagonista, o de desconforto.

Só se mexeu quando Constança pegou-a pelo braço e puxou-a para o centro da sala. Então, esta é a prima, ia dizendo cordial, acolhendo-a, amparando-a, pondo-a à vontade. [...] trouxe suas coisas? Você vai ficar neste quarto aqui da sala. Está mais à vontade, tem vista para a rua. Pode até ficar namorando na janeleira, mas isso não é bom, dá reparo, se barateia. (DOURADO, 2000a, p. 24).

Constança acolhe Biela e se esforça para que ela se adapte aos moldes da vida na cidade, uma investida em vão, uma vez que a protagonista se vê como um peixe fora d'água, como revela o narrador:

Foram muito duros os primeiros dias na casa de primo Conrado. Se pudesse, se não o olhasse com tanto medo, se tivesse coragem de enfrenta-lo, dirigir-lhe a palavra, se não se sentisse tão confusa, teria pedido para voltar à Fazenda do Fundão, o seu mundo perdido.” (DOURADO, 2000a, p. 31).

Biela nunca teve vontade própria e nem autonomia suficiente para retornar as suas origens, mesmo para uma simples visita à fazenda do Fundão. Também o primo Conrado jamais a incentivou. Talvez essa iniciativa lhe conferisse mais independência e um reencontro consigo mesma. Talvez ainda lhe despertasse a vontade de participar, mesmo que timidamente, de seus negócios.

Desambientada e cheia de medos, Biela escolhe como cenário principal o espaço da cozinha, onde consegue se situar e se encontrar e assim, pouco notada, vai levando sua vida pacata. Esse local se torna parte da personagem, onde se passa toda sua história.

É na cozinha que consegue interagir com outras pessoas que se parecem com ela, tão iguais ao seu jeito de moça roceira que sempre viveu em contato com a natureza, com o cheiro do mato, com a sutileza do campo, na presença dos animais, observando a vida passar lentamente dia a dia.

A cozinha possibilitava viajar em suas lembranças de modo real, tendo a oportunidade de degustar alimentos mais comuns à cultura rural, como carne de porco, torresmo, farinha, comer mel de forma natural, além de utilizar cabaças como utensílio de cozinha. Era uma forma de sonhar e ao mesmo tempo voltar, mesmo em lembranças, à Fazenda do Fundão:

A relação de Biela com os demais personagens (Constança, Conrado e os primos) vai se tornando indiferente, já que ela se afasta dos parentes. Ela tenta ao máximo preservar sua intimidade, seu jeito, sua interioridade, principalmente na clausura de seu quarto:

De noite, quando todos dormiam e ela se sentia segura no quarto, sozinha, sem ninguém para importuná-la, ver o que ia fazer, buscava debaixo da cama a moringa que veio com ela lá do Fundão. Espalhava sobre a colcha as moedas que ia juntando. Depois empilhava-as conforme o tamanho. Ou fazia alguns desenhos: uma cruz, um signo de Salomão, uma rodela e um varal, aquilo que achava que era um carro de bois. Brincava com as moedas como se fossem seixos rolados do riachinho. (DOURADO, 2000a, p. 89)

Na segurança do seu quarto, sozinha, longe do olhar de todos da casa, Biela podia fazer uma viagem de volta ao seu passado no Fundão, resgatando suas origens de moça da roça.

Brincava como criança com suas moedas aguçando sua imaginação, montando quebra cabeças das moedas que colecionava, transformando em objetos com os quais convivera no passado, que deixara para trás, para morar com seus primos na cidade. Assim montava carro de bois com as moedas e as amontoava simulando as pedras rolando do riachinho. Esses momentos de encontro consigo mesma trazia à tona a saudade da fazenda.

Observa-se que o quarto foi também um espaço marcante para o narrador, que conta com detalhes as recordações que tinha desse cômodo da casa, no convívio com a avó:

Proustianamente a canastra me devolveu o quarto de minha avó, perdido no tempo, os seus cheiros e quentumes, a sua tosse seca e miúda, que só não me incomodava porque acostumado, e eu a amava muito. Mesmo o contíguo quarto do oratório, com seus santos na cômoda e a lapinha com o crucifixo, os santos que o guarneciam e velavam hieraticamente. Eu menino ajoelhado a seu lado, ela rezando, os lábios no barulhinho bom das falas que eu não conseguia distinguir, tão baixinho para si ela rezava. Eu não conseguia ir além das três primeiras palavras da reza, o pensamento vagando na copa da jabuticabeira do quintal, no azul do céu. Tudo era tão bom que nem o azul do céu me fazia sair. (DOURADO, 2000b, p. 168)

Analisando a fala do autor, ao lembrar sua infância revivendo momentos que passara com ela em seu quarto, percebe-se que emprestou esse espaço para a personagem Biela em sua narrativa. Assim Dourado conseguiu trazer aos leitores a figura humilde da protagonista, que guardava em sua canastra memória que ninguém poderia atingir, mas que despertava aquela curiosidade de criança que deseja ardentemente descobrir e compreender os segredos de um adulto.

Com todos os acontecimentos e após passar pelo traumático noivado, Biela passa a dormir no quarto dos fundos, se isola, se afasta da convivência familiar e descobre que tem mais a ver com os empregados e se torna um pouco mais feliz.

Prima Biela tinha mudado muito. Algum tempo depois foi que Constança, Mazília, Conrado, todos repararam. Mas não deram maior importância à nova prima Biela que a vida lhes dava. Tão depressa se acostumaram com o feitio simples, inofensivo, silencioso de prima Biela, que ela realmente virou uma coisa de casa, se esqueceram dela. Agora prima Biela deslizava familiarmente como um gato pelas salas, pelos corredores, pelos quartos, pela cozinha. [...] Quando Constança mandou avisá-la que a janta estava na mesa, prima Biela disse secamente pode dizer que não vou não. Vou comer aqui mesmo. Dagora em diante eu como cá na cozinha, sentada neste pilão. (DOURADO, 2000a, p. 81-84).

Embora sendo uma moça de posses, herdeira de uma fazenda produtora de café, cultura predominante nas Minas Gerais, somada à criação de gado, outra fonte de renda de destaque no

estado, Biela não tinha noção da quantidade real de seus bens, permanecendo alienada aos acontecimentos e evolução dos negócios que prosperava nas mãos do primo Conrado. Sentia-se feliz vivendo na simplicidade de um monge franciscano, longe do luxo da casa. Era nesse quartinho humilde, sem acabamento, apenas atijolado, que Biela se reencontra. Nesse cômodo desligado do corpo da casa, muito comum nas casas das famílias com um nível social mais elevado como era o caso da família de Conrado, que Biela prefere mudar-se, refugiando dos membros da família.

Os acontecimentos sucediam normalmente, mas o tempo passava rápido para Biela. Já não tinha a mesma agilidade de quando era mais moça. A dor nas costas a incomodava, os joelhos estavam travando, o reumatismo atacando. Sentia medo do frio que podia agravar seu estado doentio, aumentar as tosses que haviam aparecido de repente e já estava aprendendo a conviver com ela. Por isso nas noites frias de inverno, ao ser surpreendida pela noite que chegava sem avisar e com tanta rapidez, comum nessa estação do ano, agasalhava como podia para voltar para casa, após as visitas nas casas das comadres.

Os primos achavam que ela reclamava para chamar atenção, mas a realidade estava visível a todos: Biela se encontrava muito doente, já não era aquela moça com destreza. Estava diminuindo, definhando e seu corpo miúdo foi tomando a proporção ao de uma menina.

Envolvida em seus pensamentos ao retornar para casa numa dessas noites, percebeu que alguma coisa a perseguia, mas não era gente, pois o barulho era diferente. Foi quando percebeu que era um cachorro que a seguia, mas não deixava que ela se aproximasse. Observou que o pobre animal estava em estado deplorável, necessitando de cuidados. Com paciência e persistência conseguiu leva-lo para casa, para dar-lhe comida e cuidar de suas feridas e bernas.

Ela o alimentou e o batizou como Vismundo, na esperança de que ele ajudaria a enxergar o mundo, vencendo seus medos, protegendo-a. Era sua paixão, o que tinha de mais precioso. Em sua solidão, encontrou um amigo, que embora não falasse, escutava suas confidências e a protegia. Estabeleceu-se uma relação de apego, como se fossem mãe e filho, sendo seu fiel companheiro até os últimos dias de sua existência.

O fortalecimento da amizade foi crucial para amparar Biela em sua angústia e solidão. Cada dia mais fraca, sem vontade de sair de casa para visitar suas comadres se recolheu de vez no quarto e devido ao seu estado de fraqueza não conseguia sair para seus passeios e tarefas corriqueiras na cozinha, que tanto sentia prazer em desempenhá-las. Seu estado de saúde se agravava pouco a pouco.

Constança estava preocupada com o estado de saúde de Biela: agora permanecia fechada no quarto, não se dirigia mais à cozinha, não andava pelos cômodos da casa, não quentava sol no quintal. Quando foi até o quarto da prima, Constança ficou estarrecida ao ver que ela tremia e tossia naquele quarto abafado. Biela em devaneios apenas resmungava, olhar longe e perdido, cravado na parede do quarto. Estava a delirar com febre. Cheia de remorsos, chamou o dr. Godinho, para devidas providências médicas.

Após exames preliminares o médico deu o parecer final, dizendo que o caso era grave e que deveriam transferí-la para a Santa Casa, onde teriam mais condições para cuidar da paciente, que necessitava de uma operação. Deixou uma receita para medicá-la com o compromisso de que no dia seguinte que a internasse.

No hospital, com a medicação e cuidados contínuos, Biela começa se fortalecer. Sente-se mais revigorada ainda quando recebe a visita de Vismundo que faz a maior festa ao vê-la. Mas fora uma melhora repentina e com o agravamento de seu estado, o médico proibiu as visitas das comadres. Foi quando uma enorme solidão aproximou-se de Biela que pediu insistentemente para ser transferida para a enfermaria das mulheres, pois lá teria companhia. Pedido que deixou Conrado enraivecido, argumentando que tinham condições de pagar o quarto e as despesas médicas, mas dr. Godinho, justifica que esse procedimento seria o melhor para ela e atende o último desejo da paciente.

Mas prima Biela não pode desfrutar o novo quarto com as amigas. Na terceira noite seu estado se agrava e a família chamou o padre Joel para rezar e recomendar a alma de Gabriela da Conceição Fernandes.

Não viu não mais com os olhos, esses estavam para ela fechados, umas manchas brancas deslizando rápidas. [...] Começou a ouvir uma música de harmonium, um latido alegre de cachorro. E, num rápido instante, passaram por ela Mazília toda vestida de branco no seu vestido de noiva, a mãe sem rosto cantando a sua cantiga. O último a se fundir no azul foi Vismundo, que ainda perseguia os derradeiros pássaros do céu. (DOURADO, 2000a, p.114)

Biela já estava de passagem para o novo plano, não pertencia mais aos familiares, e nesse momento de transe, as lembranças da trajetória de sua vida vão reprisando como cenas de um filme, desde o mundo tão distante quando vivia no Fundão, até a vinda para casa dos primos na tentativa de adaptação e mudança de seus hábitos. Despede-se da vida com a coragem de sustentar suas convicções.

Considerações finais

Atendendo a proposta inicial esse artigo apresenta um resumo das partes mais relevantes da dissertação de mestrado apresentada à Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), no Programa de Mestrado em Letras, intitulada “Do Fundão à Cidade: a construção do espaço de Biela em *Uma Vida em Segredo*, de Aufran Dourado.

Inicialmente foi ressaltado o estilo literário de Aufran Dourado que como bom mineiro expressa a originalidade do interior de Minas. Em um depoimento resalta que *Uma Vida em Segredo* é sua obra predileta, tanto é que buscou em sua memória, cenas da infância, lembrando dos momentos que convivera com a avó doente no quarto da casa, ajoelhado, rezando com ela. Vinha à sua mente a tosse seca e miúda da avó, além dos cheiros que ficava no quarto abafado, características que emprestou à protagonista Biela nos últimos dias de sua existência terrena.

Transferiu essa imagem à personagem principal descrevendo com propriedade os dias de sofrimento que Biela se encontrava acamada, em seu quartinho dos fundos, com muitas dores pelo corpo e a tosse seca que a incomodava o tempo todo.

Foi abordado a influência do patriarcado, determinando os papéis masculinos e femininos, ressaltando a subserviência da mulher em geral, especialmente a de Biela, que vivera sob o domínio do pai, passando à submissão do primo Conrado e da esposa Constança. Ressalta-se que esse comportamento era comum na época que se desenrola a história de Biela, uma característica das famílias mineiras nos anos de 1960. Presumia-se que a mulher era incapaz de gerir seus negócios e tomar decisões que extrapolassem o âmbito familiar. Sua principal função era cuidar da casa, do marido e da educação dos filhos.

O foco principal da narrativa são as reflexões sobre o drama vivido por Biela, não conseguindo desvincular de suas raízes interioranas para adaptar-se ao espaço citadino. A personagem passa por inúmeras situações desconfortáveis, sentindo-se sozinha, humilhada, que a impedem de estabelecer um diálogo, com a nova família, para expor seu ponto de vista. Descobre na cozinha o apoio que necessita, reencontrando os costumes que deixara na fazenda do Fundão, quando morava com o pai.

Refugia-se no quarto e retirando seus pertences de sua canastra revive as lembranças da casa do Fundão. Nessa busca interior adquire consciência que não quer mais viver sob a imposição da família de Conrado. Decide que não irá mais participar da refeição com eles, e sim no quartinho dos fundos, para onde se muda, distanciando de todos.

Os anos passaram rápido para Biela, que já não possuía a mesma destreza e agilidade da moça que apeou do cavalo a alguns anos atrás, para inserir na nova família e viver na cidade. No entanto, ainda fazia visitas às comadres e retornava à noitinha, sendo que nas noites de inverno, sentia que o frio ocasionava muitas dores nas costas, seguido por uma tosse sem fim. Percebendo sua debilidade, Constança se dirige ao quarto dos fundos e ao ver a figura acabada de Biela, sente remorsos por sua negligência, deixando a prima Biela chegar nesse estágio avançado. A pobre sentia dores e se debatia em febre, repetindo palavras desconexas. O médico foi chamado para avaliar o estado da moça, recomendando que fosse internada imediatamente na Santa Casa. Permaneceu três dias internada, recebendo alimentação correta e tratamento médico adequado, mas a doença já se encontrava avançada. Quando o padre foi chamado para realizar com a família as últimas orações, Biela já estava fora de si. E assim despediu-se da vida mergulhada em lembranças do passado longínquo que vivera na fazenda e permaneceram guardados com ela em segredo.

REFERÊNCIAS

- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DICIONÁRIO infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/homogamia>>. Acesso em: 11 fe. 2019.
- DOURADO, Autran. *Uma vida em segredo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.
- DOURADO, Autran. *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.
- PÓLVORA, Hélio. Prefácio. In: DOURADO, Autran. *Uma vida em segredo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 5-16.
- RICHARTZ, Terezinha. *Patriarcado e violência na obra uma vida em segredo*. *Revista Recorte*, Três Corações, v. 13, p. 94-107, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2793/pdf_94>. Acesso em: 07 fev. 2018.
- RODRIGUES, Fernanda de Souza. *Uma vida em segredo: a trajetória de (Bi)ela em suas construções literária e cinematográfica*. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 132-140
- SENRA, Ângela Maria de Freitas. *Literatura comentada: Autran Dourado*. Belo Horizonte: U.F.M.G., 1983.
- SILVA, Joselene Vaz da. *Identidade e memória em Uma vida em segredo de Autran Dourado*. 2015. 76f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015b.
- SOUZA, Eneida Maria de Souza. (Org.). *Autran Dourado*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da UFMG, 1996. 114 p.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. _____ D' INÇÃO,
Maria Angela. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

Artigo enviado em agosto de 2019.
Artigo aceito em novembro de 2019.